

F
B8691
B273F

5

BIBLIOTHECA DA FACULDADE DE DIREITO
DO RECIFE

OBRA

N. 10075

VOLUME

Unico

CLASSIFICAÇÃO

B3869.892

OBSERVAÇÕES

B273 F

EXTRACTO

DO CODIGO DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

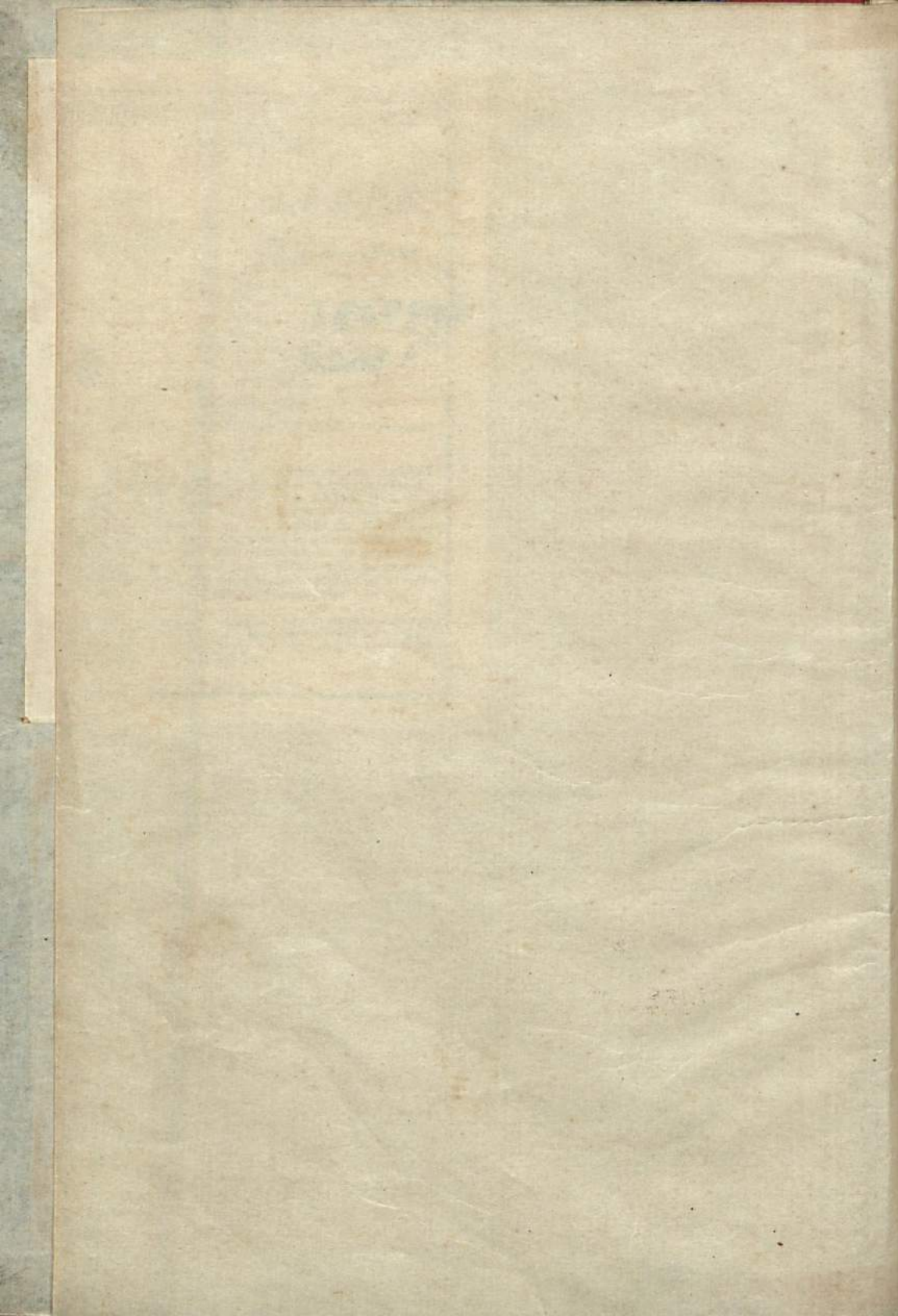
Art. 154 Em hypothese alguma sahirão da bibliotheca livros, folhetos, impressos ou manuscritos.

Art. 156 Na bibliotheca propriamente dita so é facultado o ingresso aos membros do corpo docente e seus auxiliares e aos empregados da Faculdade; para os estudantes e pessoas que queiram consultar obras haverá uma sala contigua, onde se acharão apenas em logar apropriado os catalogos necessarios e as mezas e cadeiras para acomodação dos leitores.

Art. 159 Ao bibliothecario compete:

1o fazer observar o maior silencio na sala de leitura providenciando para que se retirem as pessoas que perturbarem a ordem, e recorrendo ao director, quando não for attendido.

TOBIAS



CARLOS D. FERNANDES

TOBIAS

JURISTA. PHILOSOPHO

CONFERENCIA PROFERIDA NO LY-
CEU PARAIBANO, A CONVITE DA
COMISSÃO ACADEMICA, PROMC-
TORA DO MONUMENTO A TOBIAS
BARRETO. O RESULTADO DA VEN-
DA DESTE OPUSCULO REVERTERA'
EM PROL DESSA CONSAGRAÇÃO.




Imprensa Official — PARAIBYBA — 1921

Ac. 306653

IN 2011

R-8. 8632664

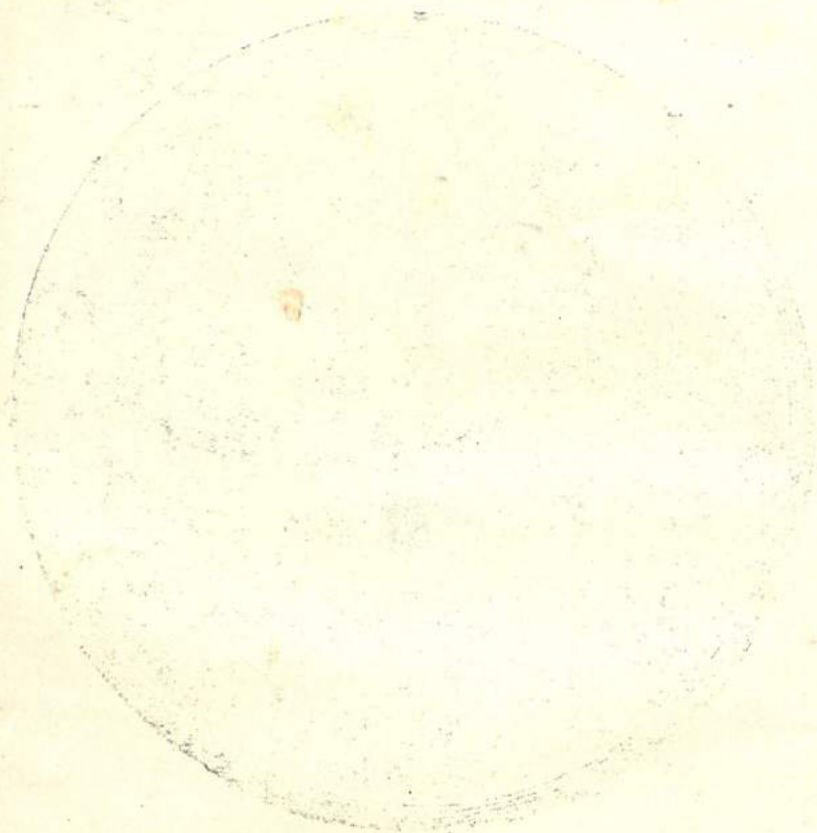
UNIVERSIDADE DO RECIFE
FACULDADE DE DIREITO
BIBLIOTECA



F 1872		
29	11	1949



BIBLIOTHECA
DA
FACULDADE DE DIREITO
DO
RECIFE



*E' uma desgraça devermos em
Beethoven estragar com taes re-
stricções o prazer que experimen-
tamos, admirando-o; mas a culpa
pertence aos seus falsos admira-
dores, que têm, principalmente,
elogiado e proposto como modelo,
precisamente, o, que é menos
digno d'isso.*

DAVID-FREDERICO STRAUSS





Senhores: nunca me encontrei como agora enleado e confuso no cumprimento de um tão grato e coercivo dever. Por certa delegação honrosíssima, a que me não pude esquivar, allegando a minha obscuridade, a mingoa de tempo e as tangíveis desproporções do mandato, aqui venho eu esboçar-vos, canhestramente, o perfil de um gigante do pensamento, já de si mesmo modelado nos relevos imperecíveis de uma obra vastíssima e multifaria, que abrange na sua marcha cyclica os devaneios poeticos, o conhecimento scientifico, a cultura musical, esthetica e philologica, a actividade critica e as generalizações philosophicas.

Accresce ainda, por meu mal, que essa individualidade portentosa e fascinante teve adversarios e proselytos, empenhados á porfia em lhe fixarem as falhas e virtudes em longos estudos documentarios. Esse forte espirito innovador e combattente, que trazia comsigo a tempera e a predestinação do genio, encontrava-se afastado de nós, ha 32 annos, que é este o lapso de tempo de sua morte; mas vivendo, entretanto, na essencia imponderavel e indelevel das suas idéas e pensamentos. E tão intensos foram e são os estos dessa nobre alma rediviva a eternizar-se na projecção

de si mesma, que os devotos actuaes da sua sacra memoria emprehendem symbolizar no bronze de uma estatua consagratória essa lidima e pre-existente immortalidade.

E' para vos associardes a esse acto de reverencia postuma da nação a um dos seus maiores vultos, a esse ponto nodal entre o preterito e o futuro, á saldação de uma dessas dividas imprescriptiveis, que a posterioridade contrahe com antepassados insignes, que aqui vos achaes reunidos nesta soberana e votiva assembléa.

Já vedes que vos devo falar de Tobias Barreto, precursor dos nossos philosophos, claro ornamento do nosso magisterio, campeão da polemica, trovador de renome, estheta d'alto cothurno, tribuno dos mais facundos, jurista dos mais famosos.

Ora, essa convergencia de predicaos, ao passo que contorna inconfundivelmente a enorme figura do arrogante pensador, repelle, por temeraria, a innominavel audacia do meu pincel.

Não sendo, porém, autonoma nem espontanea esta minha empresa senão decorrente de um mando muito honroso, que foi por isso irresistivel, fico que me heis de absolver das imperfeições commettidas.



De Tobias Barreto, o legitimo e muito idoneo fundador da impugnada **Escola do Recife**, já muito se tem dito, escripto e discutido. Aza-se agora que se lhe vai prestar essa pia homenagem

à sua inclita memoria, inventariar esses depoimentos, apurar esses juízos, confrontar essas opiniões.

Quando, em 1863, appareceu no Recife para se candidatar ao curso juridico, que era a vocação latente do seu espirito, já, na Bahia, fizera o diligente moço a sua iniciação philosophica, ouvindo as prelecções de escholastica do eximio theologo e sacro orador Frei Itaparica.

Impellira-o á antiga metropole do paiz o irreflectido designio de seguir a carreira sacerdotal, com que se incompatibiliza, no primeiro dia de Seminario, cantando, a entradas horas da noite, certa «modinha do seu repertorio sergipano». Aqui se descobre a vocação do livre-pensador, estremado do mysticismo, que deveria, mais tarde, entre as doutrinas de Lamarck e Darwin, declarar a sua memoravel profissão de fé nas idéas evolucionistas de que se fez precursor, pioneiro e indefesso propangandista no Brasil. A palavrosa doutrina de frei Itaparica foi o mundo nebuloso, entre cujas brumas de cerrada metaphysica lhe despertaram, pela primeira vez, a Tobias os seus ideaes de philosopho.

No curso do seu tirocinio juridico, que já tinha o lastro de uma grande latinidade, das mathematicas elementares, da historia, da geographia e do francez, houve de se defrontar com Castro Alves, em torneios de oratoria e poetica, inspirados pelas actrizes Leocadia e Eugenia Camara. Por amor dessas tiples, consta que se desavieram os citharedos, até então aproximados por mutua e fervorosa camaradagem.

Nasceu nessa época a reputação poetica de Tobias, attritada em litigio com o genio ainda implume do cantor das **Espumas Fluctuantes**.

A platéa do Santa Isabel e os alumnos da Faculdade juridica haviam-se constituido em corporação plebiscitaria, dividida em partidos oppostos pelas estrellas theatraes e seus jovens thuribularios.

Os criticos de Tobias Barreto, notadamente os srs. Sylvio Roméro e José Verissimo, registam esse momento episodial da sua vida como o mais culminante e definitivo da sua personalidade.

Ora, como isso redunda na maior injustiça ao eminente jurista e philosopho, a quem por certo lhe sorriam, naquelle tempo, os foros de trovador, quero pedir venia áquelles laboriosos ensaiadores da nossa critica para discordar dessa taxonomia com que rotularam o arrojado pensador sergipano no quadro estatistico das nossas letras.

Não, Tobias não foi absolutamente um poeta, na accepção intrinseca e representativa desse titulo, o que de modo algum entibia ou diminue o seu extraordinario merecimento.

O seu critico mais minucioso e apaixonado, o sr. Sylvio Roméro, apresenta-o primacialmente como poeta, dando assim um character accessorio aos seus avultosos predicaos de jurista-philosopho, que é a denominação propria de Tobias na historia e na galeria da nossa intellectualidade.

Laborando no mesmo engano e aziumado de incabivel acrimonia, o sr. José Verissimo adopta alvitres do sr. Graça Aranha, que incidem na me-

sma leviana conceituação do sr. Sylvio Roméro. Assim é que o auctor da **Chanaam**, no seu discurso da Academia de Lettras, affirma categoricamente que Tobias «crêscu musico e poeta e mais tarde, quando, lhe chegar a cultura, elle virá na barca phantastica da poesia.

«E foi pelo impulso dessa volatil essencia do seu temperamento, que passou da arte para a philosophia. O pensador nelle é uma modelação do vate. Transportará para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da adivinhação, o improviso milagroso, a necessidade de idealizar e imaginar, que é a poesia.» Continuando o seu tumultuario bosquejo de tão nitida e assignalada personalidade, chega a ser temerario e vituperador o sr. Graça Aranha, quando conclue com pasmosa jactancia que «quasi toda a sciencia, (de Tobias) quando não vem da legislação ou da lingua, é feita, principalmente, de intuição, e os seus vastos descortinamentos, os clarões que abre, a vida que dá ás idéas, apenas entrevistas no prisma da sua visão, é mais a criação do poeta que a logica do sabio.»

Esse mistiforio do sr. Graça Aranha é sumamente ultrajante aos manes venerandos de Tobias, que fôra pouco mais que um **mattoide** se se fizera, depois de culto, o sombrio bucentauro «da barca phantastica da poesia», a engendrar congeminções por aquelle arvezado processo que lhe attribue o psychologo Aranha, de entrevêr as idéas «no prisma da visão»; transportar «para a metaphysica, para as sciencias biologicas, para o direito, a magia da adivinhação, o impro-



viso milagroso, etc. »; o que implicaria necessariamente a subversão daquelles conhecimentos por quem os quizesse subordinar a tão estranhavel methodo.

Solidarizando-se inteiramente com essa algaravia, o sr. José Verissimo não só a transcreve á pagina 343 da sua **Historia da Litteratura Brasileira**, como lhe robustece as desencontradas inferencias, que taxam Tobias de «descuidado, miseravel e infeliz», capitulando-a de «bella pagina, por mais de um titulo preciosa.» Procurando accentuar mais o seu conceito da personalidade e da obra do predestinado jurista, insiste o sr. José Verissimo na preciosidade da sua citação: «Mas, é sobretudo precioso este discurso, porque o proprio vago e ambiguo dessa representação de Tobias Barreto e sua obra revê o incerto e equivoco dessa figura e dessa obra, ainda hoje mal definidas, graças, principalmente, aos seus indiscretos panegyristas.»

Historiador da nossa litteratura, o sr. Verissimo, fiel ao seu voluntario empreendimento, não deveria trazer como testemunho de uma «figura e uma obra ainda hoje mal definidas», esse depoimento que se caracteriza pelo «vago e ambiguo da representação de Tobias e sua obra.» É que o proprio critico não tem a visão segura da personalidade em foco, sobre quem emite auctoritariamente os seus problematicos assertos.

Tanto isto é verdade que o sr. Verissimo estima a obra de Tobias como «fragmentaria e dispersiva, que não guarda outra unidade que a da inspiração acaso mais lyrica que philosophica do

seu genio e da sua fé na superioridade da cultura allemã e na legitimidade da sua hegemonia.» Acha-lhe o «estyllo descompôsto como lhe era a vida, com propositada ou congenial carencia de urbanidade»; e, assim, num **crescendo** irreverente e pejorativo, até accordar com Sylvio Roméro, em que Tobias, durante os seus nove annos de primeira estada no Recife, de 62 a 71, «cultivou preponderantemente a poesia.»

Aos 10 annos de estudo e meditação que passou Tobias em Escada, illustrando, aprofundando e polindo o seu espirito, chama o sr. Verissimo de «excentrica actividade litteraria, que não teve nenhuma publicidade e menos repercussão.»

Um juiz vingativo não julgaria com mais rigor e mais injustiça o seu desaffectedo.

É geralmente sabido que, na sua Thebaida pernambucana, o genial eremita desenvolveu uma prodigiosa actividade mental, accumulando preciosos cabedaes eruditivos, fundando uma imprensa, por cujo intermedio vieram a lume estudos de grande vulto em portuguez e allemão, taes como **Brasilien wie es ist, Eins offener Brief, Discurso em manga de camisa, Fundamento do direito de punir, Estudos Allemães**, commentarios a Gneist, a Auerbach e a Victor Hugo, Alexandre Herculano, Carolina Michaelis, David Strauss, Rudolph Von Ihering, etc., etc.

Todo esse bracejamento de Briaréu, no criterio do sr. Verissimo, emulo e inimigo do sr. Sylvio Roméro, propugnador de Tobias, é uma

«excentrica actividade litteraria sem nenhuma publicidade e menos repercussão.»

Em face de um tão clamoroso disparate e grosseira inverdade, devemos reconhecer a esse critico o monopolio das heresias.

E tudo isso pela erronea conceituação de Tobias como poeta. Foi assim no consenso da platêa do Santa Isabel, nos corredores e aulas da Faculdade de Direito; foi assim na tradição litteraria do Recife, assim o devera ser na **Litteratura Brasileira**, de Sylvio Roméro, no discurso do sr. Graça Aranha e consequentemente, por mingua de iniciativa e autonomia intellectual, na philauciosa **Historia da Litteratura Brasileira**, do sr. José Verissimo.

Acceite como um postulado aquella conceituação desastrosa, força era que se desvirtuasse e delisse nos encomios do sr. Sylvio, nas impugnações do seu oppositor. Tratava-se, porém, de um attributo secundario do profundo pensador sergipano, tão grande nos **Estudos Allemães**, nos **Estudos de Direito**, nos discursos, polemicas, prelecções e varias monographias criticas e juridicas, quão superficial e incaracteristico no seu rimario dos **Dias e Noites**, simples recreação de um genio, que se não desdoirava mas comprazia na frequentação e cultivo das musas.

O proprio Tobias é o mais sincero desconfiado das suas vivazes aptidões metricas, quando as abandona, em 1870, para se consagrar mais de perto «ao estudo da Critica, da Philosophia e do Direito, coincidindo com isto o esquecimento dos seus mestres francezes, substituidos pelos alle-

mães, de cuja lingua se apoderou por completo, acabando por falal-a e escrevel-a correcta e elegantemente.» Ora não me consta que poeta algum da millenaria estirpe dos Virgilios, Horacios, Dantes, Shakspeares e Goethes, haja abandonado a vocação divina pelas seducções e encantamentos da Sciencia e da Philosophia. Occorre precisamente o contrario: quando philosophos como o da **Ars Poetica** e do **Fausto** trazem consigo a sagração de Apollo desertam da companhia austera de Minerva, para tocar no Pindo, entre as Camenas, a fruta rude dos arcades.

O cantor das **Eglogas** e da **Eneida**, requer para o joven Thyrsis, aos pastores da Arcadia, uma corôa de hera:

Pastores, hedera crescentem ornate poetam

Sómente o infausto Tobias, por contumacia litigiosa dos seus criticos, havia de inverter essa velha usança dos velhos bardos, trocando a lyra de Calliope pelo broquel de Pallas. Ainda bem que o seu avisado genio previu esses gratuitos e compromettentes aleives da benevola ou ranco-rosa posteridade.

Eis aqui como expressava elle o seu conceito de poesia, criticando o livro de versos **Flores da Noite**, de Lycurgo Paiva. Não é o troveiro quem fala dos seus cantares a esmo mas o philosopho, já amadurecido, que define com Laprade e Jouffroy a essencia, a natureza e a finalidade da

poesia. Sente-se na externalização dessas convicções estheticas um franco e corajoso proposito de autocritica. Ouvi-me:

«No seio das nossas mattas, como no fundo de nossas almas, como no fundo da nossa historia, ha muita sombra de que o poeta se possa vestir, muito mysterio de que a poesia deve-se occupar.

Todas as alturas inaccessiveis, todas as profundezas insondaveis, como Deus e o coração do homem, estão sempre ali para receberem e sumirem nos seus abysmos as inquietudes, os sonhos, as lagrimas do poeta. A humanidade agita-se, a philosophia observa, e a poesia canta.

Nos grandes poetas modernos é sobretudo o sentimento do indefinito que transborda em suspiros harmoniosos ou em gritos desesperados. Deixar de sentir com elles tudo que engrandece a nossa natureza, para entreter-se na pintura das paixões triviaes e mesquinhas, é não comprehender os nobres vãos da poesia moderna, gravitar para o nada, e condemnar-se ao mediocre.

Ser poeta é mais alguma cousa do que andar com os **seios tumidos, o craneo em braza**, fingindo magoas que não se sentem ou prazeres que não se gosam; — é mais alguma cousa do que viver a beijar **labios de rosa, ver e pegar em peitos de**

alabastro, etc., etc., e chamar-se **lyrico**; — falar em tumulos, em desgraças... e dizer-se **melancholico**; — repetir o insipido logar commum do — progresso — e chamar-se — **humanitario**. Não é isto. Ser poeta, é sobretudo pensar. O pensamento é a masculinidade do espirito.

Cabe aqui repetir umas bellas palavras de Victor de Laprade. — O que ha de difficil e admiravel não é sómente pintar e escrever bem, é pensar alguma cousa que valha a pena de ser escripta e pintada.

Ha uma grande e uma pequena poesia; e ao envez do que parece, não é a grande que suffoca a pequena; é esta que mata áquella, como os sentidos escancarados a todos os prazeres, empanam o brilho das idéas, o brilho d'alma, e embotam, quando não arrancam todos os bons instinctos do coração.

E' singular, diz o philosopho Jouffroy, dar-se o nome de poesia a esta superficial inspiração que se occupa em celebrar as alegrias frivolas, em deplorar as dores ephemerass das paixões.

A sciencia e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, ao passo que a sciencia caminha, a poesia vôa: — o seu mester não é como o da sciencia esclarecer as

sombras do problema universal; mas também não deve ser estranha aos achados daquella.

A insipidez de muito **poeta** dos nossos dias vem menos da falta de talento do que da falta de conhecimentos.

Se a poesia vai adiante da sciencia, se o mysterio é o seu dominio, desde que se occupa do que está sabido na ordem dos sentimentos, das idéas, de todos os factos enfim, torna-se necessariamente insipida.

Os juizos do poeta não são hypotheses que a experiencia possa verificar.

E' uma loucura, diz Magnin, querer a poesia sábia, como um artigo do código civil, e lucida como a demonstração do quadrado da hypotenusas.

O coração do poeta é o clepsydra em que soam sempre adiantadas as horas da vida do mundo. Os poetas e os sabios, é verdade, devem ser eguaes, porque devem ser da estatura do seu seculo. — Goethe é do tamanho de Humboldt.

A poesia do seculo XIX deve ir com elle em todos os seus vôos, em todas as suas conquistas, se quer ser grande, e merecer a attenção da posterioridade.»

Como decorre dessas taxativas proposições, que estabelecem uns tantos principios á actividade poetica, o rigoroso critico não estaria satis-

feito dos seus versos, a incorrerem precisamente naquellas falhas indicadas.

Tobias é antes de tudo um authentico jurista, complexo e consummado como Gaio e Papiniano, tendo sobre esses pares da mesma estirpe as vantagens e as excellencias da moderna cultura.

Não o encaram através esse prisma individualissimo os criticos mais ou menos contradictorios da sua obra, diversa pelas materias mas homogenea pelo **credo** philosophico e illustração scientifica.

O sr. José Verissimo, com imponderada ligeireza d'animo, não lhe concede nem mesmo capacidade para entender a Darwin: «O seu Darwinismo não podia ser senão de mera predilecção sentimental. Carecendo da instrucção scientifica, e especialmente biologica, para apreciar idoneamente as doutrinas de Darwin e seus discipulos ou emulos, não podia, sem impertinencia, pronunciar-se sobre ellas e menos professal-as.» Como vêem, o sr. Verissimo é **tranchant**: Tobias, a quem o immenso Hæckel chamava de «pertencente á raça dos grandes pensadores», não podia, por ignorancia scientifica, professar o Darwinismo. São deste quilate as asserções precipitosas e inappellaveis do dogmatico historiador da litteratura brasileira.

Valha-nos a grata certeza de que toda essa modalidade da nossa dynamica social está ainda por ser inventariada e systematizada, mau grado a esperta antecipação do sr. Verissimo.

Vejamos agora se andou com mais siso e

prudencia o sr. Sylvio Roméro, amigo e discípulo de Tobias, pregoeiro e defensor das suas idéas. Abro a pagina 1260 da sua **Historia da Litteratura Brasileira** e leio decepcionado: «Para mim, desde já o digo, elle foi e é antes e acima de tudo um poeta. Desde uma das mais velhas que conheço de suas producções, a **Scena Sergipana**, de 1857, até ao **Ainda e Sempre**, de 1881, é o mesmo lyrico, espontaneo e vivace, arroubado e natural. Releva ponderar que dos 15 aos 30 annos, durante um **grande mortalis ævi spatium**, só produziu poesias, fundou uma escola e não se leva impunemente tanto tempo em commercio com as musas.»

Até parece uma pilheria de mau gosto essa conformidade dos criticos de Tobias em o proclamarem poeta, olvidando-lhe as summas qualidades de jurista e philosopho!... Acaso Ihering, Savigny, Mommsen, Spëncer, Stuart Mil, Tarde, Planiol, Ferri e Lombroso precisam, para ser grandes, que se os qualifique de poetas?

Por que essa obstinação em classificar de principal um predicado accessorio de tão rutilo e fecundo espirito?

Chego á tristissima conclusão de que esse omnimodo Tobias, tão generoso, justiceiro e intrepido, tem sido uma abandonada victima nas selvagens garras dos seus proselytos e commentadores.

O sr. Sylvio Roméro leva mesmo o seu parecer a um extremo de obsessão, estabelecendo parallelos desvantajosos entre o cantor d'**Os Escravos** e o simples trovador dos **Dias e Noites**.

[Assim é que lhe attribue a fundação de uma

escola, a **condoreira**? especie de vaniloquio ou estampido rhetorico, que honra alguma grangeia ao arguido fundador. Conjectura o sr. Roméro que lhe veio do trato de Quinet e Victor Hugo a predilecção condoreira, affirmando, entretanto, que do poeta das **Odes e Balladas** e das **Orientaes** «mais de perto o prendera o livro das **Contempla-ções**.» Ora, esse compendio hugoano nada tem de remigios de condor, mas muito de andorinha rasteira, que recolhe ao quente ninho para se refazer dos largos e fatigantes vôos emigratorios. Não lhe pudera derivar, portanto, desse volume contemplativo o tal fervor condoreiro. E, mesmo que lhe derivasse, não seria para admirar em tão alto espirito esse gosto mediocre e subalterno da imitação de um poeta de vulto, é verdade, mas não maior que Lessing, Goethe e Schiller, com os quaes já se familiarizara Tobias, pela completa assimilação da sua lingua e directo trato das suas obras.

A fundação dessa **escola** por Tobias preoccupa sobremodo a Sylvio Roméro, que, na respectiva documentação dessa prioridade, disputada a Castro Alves, gasta paginas e paginas de adiaphoro e infantil arrazoado. Mas, para que e por que attribuir a Tobias essa tão parva e insubsistente iniciativa?

Porventura, precisa desses ouropeis para a sua indumentaria de philosopho quem teve no Brasil as primicias da cultura allemã e se fez o progonô das doutrinas evolucionistas?

Será empreendimento de pouca monta reformar a orientação e o ensino juridico de um

paiz e derribar sósinho as barreiras da metaphysica? Esta, sim, é a escola scientifica de sua fundação.

*
**

Considerando-se a poetica puramente recreativa e sentimental dos **Dias e Noites**, aqui e alhures pontuada de arroubos civicos, de florilegios, divagações e madrigaes, toda ella vasada em estrophes de commum feitio, em redondilha, hendecasyllabo e decasyllabo, ás vezes em versos brancos e com deslises metricos; despida de labores originaes, ornada de plebeismos e locuções prosaicas, sempre manobrada com a negligente pachorra de um passa-tempo, ver-se-á que as atiladas suggestões a Lycurgo de Paiva resvalam das **Flôres da Noite** para attingirem reflexamente uma technica julgada imperfeita pela persuasão da experiencia.

Tobias Barreto, nesse velado transe da sua vida psychica, foi de um estoicismo zenonico, renunciando áquellas asas de Icaro, que o haviam feito ascender, tão facilmente, á notoriedade das ruas e dos cenaculos.

Outro, que não dispuzesse da sua austeridade e philosophica resignação, emperraria a teimar, como Garret e Castilho, pedindo ao forçado estro inspirações impossiveis. Teriamos então uma anodina **reprise** dos **Ciumes do Bardo** ou da lyrica insipida e soporifera de **Dona Branca**. Elle, não: despiu os falsos adornos do seu espirito, disse

um pungido adeus ás Camenas, guardou para os seus lazeres o dôce habito de poetar e ascendeu resolutos á ingreme encosta da sabedoria, onde o esperavam as sombras melancolicas de Triboniano, Theophilo e Dorotheu para discretearem fraternalmente, em latim, sobre a etiologia das **Institutas**.

Foi nesse remanso abstracto dos grandes sabios romanos, que ampliaram em monumentos eternos os preceitos da **Lex duodecim tabularum**, que se apurou o genio de Tobias nos mais altos rythmos da philosophia juridica. A ulterior cultura allemã afigura-se-me apenas uma opportuna semente no vasto campo fertilizado.

Mas, arrolemos ainda um outro testemunho, o do sr. Phaelante da Camara, panegyrista do sabio, assistente das suas luctas, entusiasta das suas victorias. Eis aqui as palavras textuaes com que elle se refere a Tobias, numa série d'artigos estampados pela **Provincia**, de Pernambuco: «Poeta, orador, critico, philosopho e jurisconsulto, era com a maior presteza que elle trocava a lyra de Homero pelos cothurnos de Aristarcho, a tunica de Tiberio Graccho pela toga de Pomponio, sem que as qualidades do seu espirito soffressem a mais ligeira desaggregação.» Convirão os senhores que é verdadeiramente incrível esse fregolismo attribuido pela admiração do sr. Phaelante a Tobias Barreto. Homero não se pôde travestir de Aristarcho, sem diminuição da sua erguida personalidade. Que Tiberio Graccho se substitua a Pomponio, transear, porque são individuos aproximadamente do me-

smo estôfo... **ejusdem farinae**; mas enrodilhar de cambulhada a cythara do épico e os cothurnos do critico afigura-se-me um tanto precipitado.

Entretanto, o sr. Phaelante não trepidou nesse gesto e ainda mais, relacionando-o com Tobias, o homem das justas proporções e dos vastos descortinos, affirmou que uma tão inteiriça personalidade se ageitava a moldes alheios, «sem que as qualidades do seu espirito soffressem a mais ligeira desaggregação.» Desvenda-se nesta ultima clausula o êrro critico de mais este fascinado pelas seducções do irresistivel theurgo. Todas as composições dos **Dias e Noites** não resistem a um paralelo com qualquer capitulo destacado dos **Estudos Juridicos**, dos **Estudos Allemaes**, dos **Varios Escriptos**. O mestre da prosa, que é um irreprochavel poeta, quando esculpe os seus bellos e largos periodos sonoros, tersos, escandidos, tumidos de pensamento, airosos de elegancia, encolhe-se, murcha, apouca-se na dureza e desenxabimento das suas estrophes. Recordem-se as ingenuas chulices do **Papel Queimado** e as audacias criticas, as suggestões altas, a alluvião de idéas de **A Alma da Mulher**; as nenas quasi futeis do **Presentimento**, collapso feminino d'um coração de heróe, e as magnitudes, os horizontes e elevações da **Evolução Emocional e Mental do Homem**, onde faz Tobias um magistral inquerito do evolucionismo, varrendo com bonhomia a poeira de metaphysica, que teimosamente nos envolve, para encerrar, com um paradoxo de quatro versos, as suas ineluctaveis objecções:

O coração também é um metaphysico:
Estremece por fórmãs invisíveis,
Anda a sonhar uns mundos encantados
E a querer umas cousas impossíveis.

Esta simlpes quadrinha, pingada no papel como um vermelho ponto de sarcasmo, ao fim de tão graves e penosas lucubrações, denuncia o character **sui generis** da sua musa faceta. A versação era o desporto olympico do seu espirito, o repouso da sua arte de escriptor, a fórmula gentil e metrica das suas dôres humanas e afeleada ironia. Um sêr de tão claros rythmos, de tanta numerosidade e pulchras visões, embebido de musica e pantheismo, só devia sorrir e chorar, cantando. Explicam-se, talvez, por isso, as suas iterativas fugas para o Parnaso, onde o sussurro das silvas e de Castalia lhe faria esquecer por instantes os rumores do mundo.

Voltando agora a essa congruencia com que os criticos de Tobias o indigitam poeta, collocando esse mero titulo acima de todas as suas notorias virtudes de pensador, busquemos a causa efficiente desse curioso phenomeno psychologico. Será o mesmo Tobias, com os profusos thesouros do seu saber, quem nos explicará essa obstinação no êrro, por obediencia a uma suggestão enganosa ou simplesmente por inercia mental. Chama elle de **Peruíismo** a esse estado de espirito que nos torna accommodados com a verdade discutivel de uns tantos principios e postulados. Trata-se de uma engenhosa these de po-

lemica, que o mestre illumina com a sua intensa logica e desdobra nestes faustosos pannejamentos:

«Theoria do Perúismo ou Philosophia do Perú: — O leitor não se ria, o negocio é grave. É um pedaço de psychologia humana, estudada na crista do mais estúpido dos vertebrados, como, quero crer que injustamente, costumam qualificar o pobre do Perú. Póde ser, e eu não dissimulo, que o titulo deste artigo seja só talhado para produzir impressão comica. Mas nem sempre o comico é antinomico do sério.

Plutarcho disse uma vez: «Não se póde exercer a rhetorica sem falar, porém, exerce-se a philosophia mesmo pelo silencio, ou pelo gracejo; porquanto, assim como o mais alto gráo da injustiça é não ser justo, e todavia parecel-o, assim também a culminação da sciencia consiste em philosophar, sem dar indicios de tal, e de semblante alegre fazer o mesmo que fazem os mais serios.»

A isto accrescenta Emerson: «A comprehensão para o comico é um laço de sympathia com os outros homens, uma garantia de saúde espirital e um meio de protecção contra aquellas inclinações perversas e aquelle estado de melancholia, em que se perdem muitas vezes os mais nobres espiritos. Um **tratante**, que é sen-

sível ao ridículo, pôde ainda ser convertido; se, porém, já perdeu esse sentido, não ha mais nada a fazer por elle.»

Admittindo, pois, que o leitor, em vez de mover os musculos da sizudez, mova os musculos do riso, nem por isso dou por frustrado o meu trabalho. Ha tempos de philosophar pelo silencio, e outros pelo gracejo, as duas fórmas de philosophia, que me são mais accessiveis; mesmo porque não gosto dos tempos de chorar **tempus flendi**, como diz o Ecclesiastes, ou de philosophar pelas lagrimas.

Entretanto, é bom que se note: não quero rir-me, nem fazer os outros rirem, á custa do Perú. Este animal, tão mal-sinado de estupidez, que serve de termo de comparação aos espiritos sem talento e aos amantes sem ventura, despertou-me a sympathia, e isto em tão larga escala que me deu assumpto para um estudo.

Se eu intitulasse o meu artigo **historia natural** do Perú ou **anatomia** do Perú, nada por certo haveria de extraordinario; por que razão haverá com o titulo que lhe dei? Tudo que tem uma physiologia, uma anatomia, uma historia natural, pôde ter tambem uma philosophia.

E não conheço realmente um exemplar do mundo zoologico mais adaptado a servir de base a um completo systema

de considerações philosophicas, do que o amavel **dindon**.

Proval-o-hemos.

É a celebre historia do **risco**. Todos conhecem-na. Quem já não deu sua risada diante do espectáculo fornecido pela estupidez da pobre ave? Refiro-me ao facto geralmente observado, de levar-se o bico do perú contra uma parede branca, onde se traça um risco preto, que elle toma por um vinculo, e ahi se deixa ficar, constricto e humilhado, até segunda ordem!...

Confesso que tambem commetti o desatino de rir-me. Mas pouco a pouco, e á medida que o facto, pela repetição, foi diminuindo a possibilidade de um engano e tomando proporções de séria realidade, eu tambem tornei-me serio. Por detrás daquelle quadro simples e chulo, vi levantar-se uma questão sombria. Eu perguntei a mim mesmo: haverá realmente motivo de zombar-se do perú? Temos nós outros homens, que nos orgulhamos de nossa posição hierarchica no desenvolvimento morphologico e physiologico das especies, razão bastante para desdenharmos daquelle bruto, que se suppõe preso e subjugado pelo traço negro da parede? Quem pôde affirmar-o?... A minha negativa é categorica. Todos os systemas de crenças, esperanças e ameaças que formam o fundo das religiões, os terrores

do inferno, as perspectivas do céu, em uma palavra, todos os moveis hypersensíveis, que circumscrevem os impetos do espirito humano, não serão outros tantos **riscos** a que elle se deixa prender como se fossem vinculos de ferro!

A humanidade, que ha seculos e seculos acredita numas cousas incomprehen-síveis, e não tenta sequer conceber um meio de romper com essa crença, não fará tambem, aos olhos de quem lh'as infiltrou, de quem ainda hoje lh'as mantém obscuras, mysteriosas, indiscutíveis, um papel de perú, ou antes de perúa, para falar com mais congruencia grammatical?...

O proprio dever, de que tanto se fabúla, quando não é construido pelo homem mesmo, que nelle adora a obra de suas mãos, e todo o conjuncto de ideaes, de falsos ideaes, que condemnam o homem á inacção, ou á acção motivada sómente por principios estranhos á natureza humana, será de certo alguma cousa mais do que **riscos na parede!**

Limito-me a perguntar. Estas perguntas, porém, encerram problemas, que o demonio da philosophia me convida, se não a resolver, ao menos a estudar. É preciso, perante a opinião publica, reabilitar o perú, que não é tão bôbo como se suppõe. Ou o perú é um **idealista**, ou o homem tambem é um **perú**. Todos os sonhos de ventura, tudo que se imagina,

que apparece além, como capaz de conter-nos e subjugar-nos, está nas condições da these **fourierista**: **Il serait bien heureux que cela fut vrai, mais qui le prouve? Ce qui le prouve, c'est qu'il serait bien heureux que cela fut.** Porém, isto não é, não equivale a um **risco**? Ah! se o Perú pudesse falar!

*
**

Madame de Maintenon, como em geral as francezas, era uma excellente **causeuse**, tinha em alta escala o talento de conversar. A boa conversação supprime ás vezes muitas lacunas. Um dia que ella se achava ao jantar com grande numero de commensaes, todos absortos no encanto de sua bella garrulice, approximou-se della um creado, e disse-lhe baixinho: mais uma historia, madame, hoje não temos **assado** . . .

Alguma cousa de analogo acaba de dar-se commigo, não por ser um bom conversador, mas por força de outros motivos, que não importa averiguar. No meio dos insultos, com que ultimamente se me tem honrado, a ponto de poder eu, **coeterris paribus**, repetir as palavras do ministro Decazes, em 1816; **il faut que ce pays soit bien malade, pour que j'y soit si important**; no meio de toda essa embriaguez de inveja e de odio, que é igual á de **aguar-**

dente com fumo, a musa da galhofa, da ironia reflexa, «que zomba até da propria zombaria», acercou-se de mim e disse-me tambem em voz baixa: mais uma **historia-zinha do perú**; a coisa está instructiva; quero tomar mais umas notas. A philosophia do riso, não obstante o bello capitulo que Schopenhauer lhe consagrou, ainda não está assentada; e ahi temos um campo vasto de observação para ella.

Obedeço á minha musa. A **historia do risco** ainda se presta a muito estudo. Não é sómente o amavel **dindon** quem se julga **preso**, quando tem diante de si o traço de carvão. O peruísmo é tambem partilha da humanidade. Desde Platão, que tinha os olhos fitos nas **idéas preexistentes, universalia ante rem**, até a qualquer thomista de hoje, que vive a meditar no **ens** e na **essentia**, é a mesma **historia**, a mesma prisão imaginaria.

O homem não é um **pithecóide**, mas um **perúoide**.

Tem razão contra Darwin e seus sectários o professor Fortlage: a ser exacta a theoria transformistica, não é só do macaco que o homem procede, porém, de outros animaes. Entre estes figura o grão perú. Ao menos é de todos o que melhor symbolisa a ingenuidade humana.

Desde o primeiro estadio do desenvolvimento historico, no qual, como diz A. Bastian, as sombras oscillantes, que

brincam entre os ramos das arvores gigantescas, são outros tantos **espiritos maos**, até ao ponto, em que o homem se familiariza com a natureza, transformando então os tetricos espectros em lindas fadas, em genios bemfazejos, e d'ahi para cima até aos nossos proprios dias, onde, aliás, tudo parece frio, positivo e prosaico, a vida humana tem sido um estado perenne de allucinação, uma cegueira, um sonho. Total: um Perú no **risco**. Que é um martyr? O que morre por uma **idéa**. E que é uma **idéa**? Uma cousa bella e grandiosa. Vá que seja. Mas ha martyres do céu e martyres do inferno; se não aquelles, ao menos, estes, que também têm a sua **idéa**, julgam-se **presos** pelo **traço negro** do dever, que lhes foi incutido; o **peruísmo** é evidente. Mas os outros afinal também cedem á uma illusão, que veem a ser todos elles?...

Respondam os bonzos de todas as crenças. Logo em seu principio a humanidade deixou-se **aperúar**, e ainda hoje, em sua maioria, se acha de olhos cravados no **risco** das penas eternas, que lhe traçaram na parede desta chamada prisão terrena. Dahi vem que a civilização, a cultura humana, em geral, bem estudada, não é mais do que um continuo processo de **desperúamento**.

Por exemplo: emquanto os povos acreditavam no **direito divino** dos reis, que era,

que importava essa crença? . . . Mas, veio a revolução, e quebrou o laço phantastico. Por exemplo ainda: os comêtas, os **signaes** no céu tiveram, por muito tempo, sobretudo, nos dias mediévos, na época monacal do **trivium** e do **quadrivium**, a grande virtude de pôr em agitação a humanidade inteira, que se sentia logo **amarrada** ao dever de rezar, jejuar e fazer penitencia. Entretanto, a sciencia avançou, e o **risco** desapareceu: Já hoje os **signaes** no céu não causam tanto medo. O povo mesmo já sabe com quem trata; e tanto assim é, que ha poucos dias, a proposito da última **apparição celeste**, ouvi um poeta popular dizer com todo sangue frio:

**Falo sério. Se aqui, ha uns oito mezes
— Com licença de Deus e do diabo, —
Elle leva mais longe o seu «cacête»,
Eu puxava o comêta pelo rabo . . .**

Effeitos do progresso, que vae **desaperúando** os pobres filhos de Adão. Não obstante, ainda existem muitos **riscos**, que é preciso apagar. Indical-os porém, já é prestar algum serviço.»

Não sei que dimensões assumiria esta minha insulsa palestra, se eu vos quizesse, mesmo perfunctoriamente, documentar o jurista, o philoso-

pho, o tribuno, o cathedratico, o poeta, o polemista, o critico, o publicista, o philologo, o musico, o artista, o pensador, harmonicos e coexistentes em Tobias Barreto. Essa pluralidade de feições é mesmo o que lhe assegura a idoneidade de genio. Predomina, entretanto, na sua personalidade, o preceptor modêlo, ao modo hellenico de Platão. Não é da tribuna popular e politica, nem dos jornaes, nem dos livros, nem do **forum** que se ha de erguer a sua grande voz, clamando pelo soerguimento da nossa cultura, dissipando erros, desmoronando abusões, vencendo prepotencias dogmaticas, alluindo despotismos aprioristicos, tocando rebate ás almas da adolescencia para uma alegre e salutar campanha de constructiva intellectualidade. Esse brado regenerador e guerreiro, esse grito de alarme contra as legiões avassallantes da metaphysica, essa aria do saber novo, nascido nos laboratorios, no bojo dos balões chimicos, na espiral dos alambiques, no tubo dos provetes e nas lentes dos microscopios, levantou-se da sua cathedra de mestre, disputada em renhida lucta, em arremesso titanico, aos friaveis e vencidos arraiaes da velha sciencia.

Foi d'alli, do seu **alto toro** de **pater Æneas**, onde elle, assentado como Jupiter no seu throno, na dextra os raios, a aguiã aos pés, na sinistra a Victoria, emblemas da sua missão e da sua força; foi d'alli, dessa cathedra pacifica e recolhida, que Tobias soprou na bellicosa tuba o primeiro assalto ao baluarte ostentoso das carunchosas e mumificadas concepções juridicas.

Antes dessa hereulea façanha, o heróe re-

colhera tacitamente á Escada, onde forjou os degraus de bronze com que escalou a gloria. O seu ruidoso concurso foi a destemerosa antecipação da sua porfiada e vencedora doutrina. O homem de genio estava finalmente integrado na sua providencial finalidade.

Adeus, Recife monotono e tardigrado da escravatura suppliciada, adeus, imprensa incaracteristica e rotineira; adeus, faculdade juridica bolorenta, beata e supersticiosa; adeus, Raulica e Taparelli, Esquiros e Pelletan, cessou o tempo do vosso prestigio, foi-se, num vendavel, a ultima floração das vossas idéas.

Chegou Centimano, agitando estrellas com os seus cem braços. Vêde-lo que vem ao lado de Kant, de Humboldt, de Fichte, de Schelling, de Herbart e Schopenhauer. É o cortejo de Titans, que se offerecem á potestade de Zeus.

Tal foi, sem muita hyperbole, o ingresso de Tobias na escola de direito do Recife, de onde a sua prodigiosa irradiação deveria influir nos nossos destinos intellectuaes, reformando a nossa cultura juridica, rumando as nossas preferencias estheticas, mostrando-nos as novas sendas desbravadas da sciencia e da philosophia allemã.

Agora, sob os desvelos e luzes do novo mestre, o Direito, não será mais a **ars boni et æqui**, mas «um producto da cultura humana», será «idéa e sentimento», distinguir-se-á da moral, terá o seu Darwinismo, auspiciado por Von Ihering. Assim tambem a Economia Politica baixará dos paramos da abstracção para o mundo concreto dos phenomenos sociaes. O seu ponto central será «o

conceito do trabalho». Este será o productor pre-excellente da riqueza, condicionando os agentes naturaes.

Vasam-se nestes sabios moldes os primeiros programmas de ensino de Tobias Barreto, ampliados por um connexo desenvolvimento, incomportavel neste resumo. O bom sabio magnanimo escarola-nos do nosso atraso, alimpa-nos da crosta medieval e põe-nos em dia com as derradeiras acquisições intellectuaes da penultima década do seculo XIX.

Foi um grande feito e uma grande obra, a que não podia permanecer alheia por mais tempo a nossa gratidão de posteros.

Saldemos, pois, o nosso debito com o gigante. Fixemos no bronze perenne a fecunda força do seu genio jovial e constructivo. Reverenciemos nesse homem uma das mais erguidas e rutilas expressões do pensamento brasileiro. Consideremos que elle attingiu á plenitude da sua excepcional grandeza, sem transpôr jámais as lindes da patria, como que ostensivamente recebendo da ambiencia nacional o mysterioso alimento da sua força.

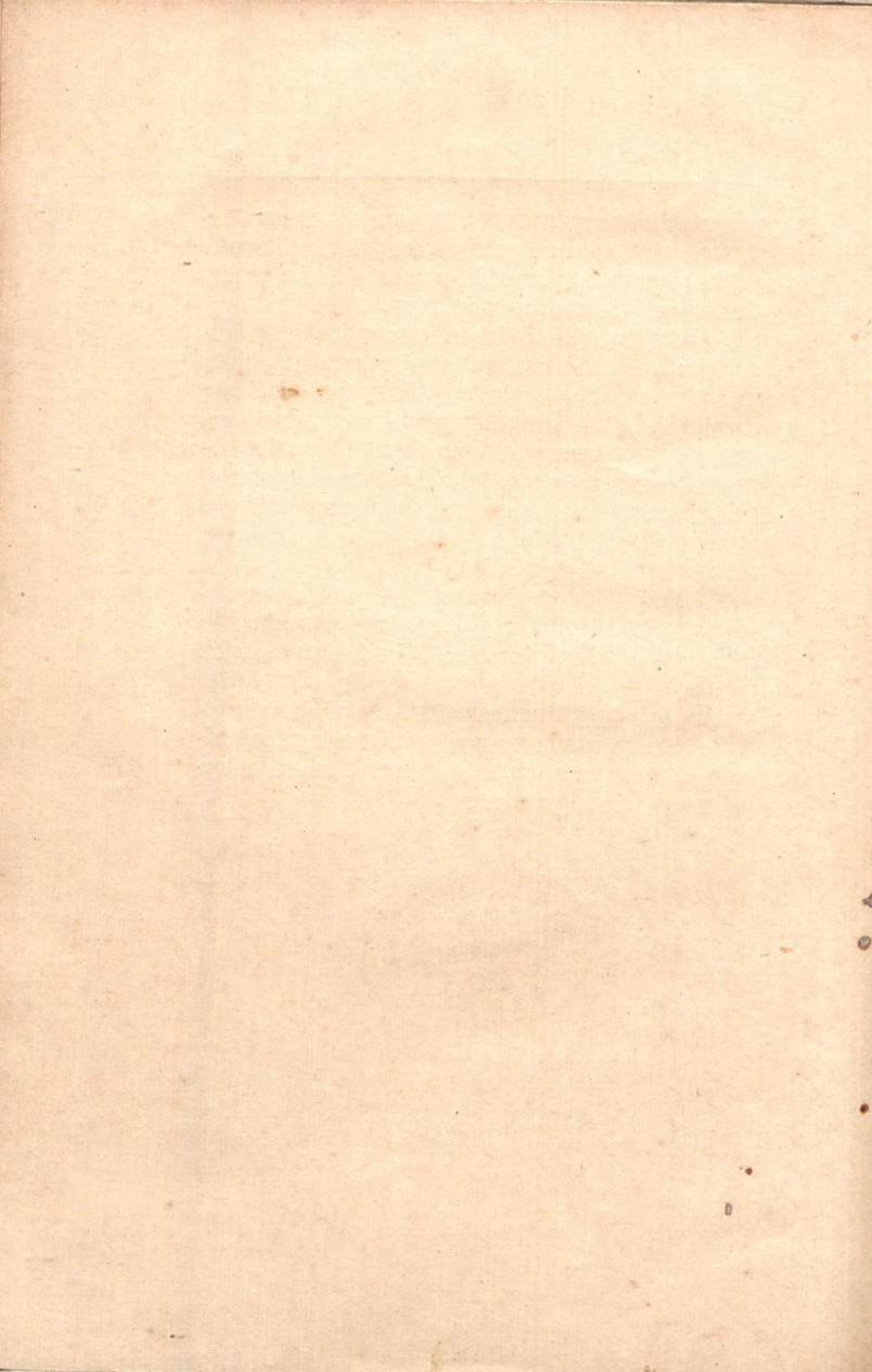
Consideremos ainda que esse propulsor de riquezas, esse nababo de idéas, esse Cresus do espirito, finou-se indigente, para não almoedar os seus sonhos, nem chatinhar com a elevação e pureza dos seus principios. De modo que, vivendo, venceu pela bravura dos seus esforços, dando-nos o edificante exemplo do triumpho honesto pela tenacidade do trabalho; morrendo, lega-nos o exemplo ainda maior da sua pobreza,

prova-real do seu character, da sua coherencia de sonhador e do seu nobre e sincero desprendimento pelos pequenos interesses, que soem, ás vezes, deslustrar as grandes memorias.

Abençoado o destino que te guiou no mundo, homem do povo, bem fadado e sublime, idolo inesquecivel da juventude, philosopho confiante e optimista, Othelo da Liberdade, columna d'oiro de uma raça, menestrel impenitente, idealista bohemio, economista paradoxal, que tanto honraste, ensinaste e glorificaste o trabalho, para findares inteiramente despido de todas as suas licitas e promettidas compensações.

«Tudo tem sua logica, até a morte», exclamaste na agonia. Cerraste os olhos, raciocinando e pensando como viveste. Não foi mais lucida nem mais serena a bella morte de Socrates. Devias acabar logicamente pobre, magnifico perdulario, dissipador incansavel, que nos legaste, sellado com a mais pura indigencia, o cofre immenso das tuas gemmas.





NÃO PODE CALAR
DA BIBLIOTECA

Este livro deve ser devolvido na última
data carimbada

927.92

B2734

1921

TB

Sé. XX/192

4 B869.8
B8734

NÃO PODE SAIR
DA BIBLIOTECA

Inv. 67

959

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

RECEIPE

BIBLIO

Fer

Tol

B

F.

